

# O BERÇO da CREIÇÃO

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanaário nacionalista

Propriedade da Empresa  
Editor — ANTÓNIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.  
Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalicao

## EX. MO SR. GOVERNADOR CIVIL

Foi em obediência ao Interêsse da Pátria, expresso na ideologia do Estado Novo em postulados de são e construtivo nacionalismo, que esta trincheira se levantou na portuguesíssima terra de Guimarães. Prontos a servir, oferecemos a V. Ex.ª, Sr. capitão Lucínio Preza, o comando da nossa acção em homenagem às suas excepcionais qualidades de timoneiro da política do Estado neste distrito e defensor intemerato das justas reivindicações desta região norte.

V. Ex.ª tem sabido, com superior inteligência e elevado critério, satisfazer sem quebra do Interêsse Pátrio, as aspirações das terras que representa perante o Governo Nacional.

E' esta lição de V. Ex.ª, que servirá de exemplo à nossa tarefa jornalística.

Assim, se a grandeza da Pátria agita as nossas almas em anseios de renovação nacionalista, não podemos esquecer nem relegar as mais instantes aspirações de Guimarães, sacrificadas em nome de crimes que esta cidade nunca cometeu, como V. Ex.ª desassombrada e corajosamente afirmou em 31 de Janeiro de 1934, na presença do Ministro do Interior.

A V. Ex.ª, Sr. capitão Preza, devemos essas palavras justiceiras e reabilitadoras da honra do povo de Guimarães, sem culpa nem responsabilidade com a atitude de rebeldia de elementos, na sua maior parte estranhos a Guimarães, do regimento de infantaria 20, outrora aquartelado nesta cidade.

Nós, nacionalistas de Guimarães, queremos com galhardia e altivez sacudir para bem longe esse pretenso labéu que emperra as nossas ansiadas reivindicações.

\*

\* \*

Nem o tempo, na sua função obliteradora amorteceu os ecos das lamentações plangentes, com que o povo vimaranense envolveu, numa tarde magoada e triste, a retirada do glorioso 20, aureolado pela cruz de guerra de primeira classe, que os nossos soldados mereceram em jornadas de sacrificio e heroismo, nas terras lamacentas de Flandres e nos sertões adustos de Africa.

\*

\* \*

Guimarães tem direito a uma unidade militar.

Terra-máter do nacionalismo português, aqui latejam as virtudes da grei, que dinamizam e impulsionam a marcha da Revolução Nacional.

Solar da Pátria, berço do primeiro guerreiro português, D. Afonso Henriques, terra de valorosos soldados, é bem digna de uma unidade, para que as suas tradições de heroismo e valor militar, não sofram quebra de continuidade.

A' sombra do nosso castelo, majestoso e altaneiro, símbolo de uma Independência indestrutível, deve ser temperada a alma dos soldados de um Portugal-Maior, para que nos seus peitos estue, impregnado de fecundo nacionalismo, o sentimento da grandeza do Império; aqui, a esta Terra, semeada de expressivos padrões evocadores das glórias portuguesas, deviam vir em religiosas peregrinações, todos os mancebos de Portugal, para das nossas pedras ennegrecidas pelo tempo, mas iluminadas pelo fulgor da História, receberem a mais bela lição de nacionalismo.

\*

\* \*

Que a vinda de uma unidade militar para esta terra, reabilite de uma vez para sempre o nome da cidade de Guimarães, apoucada por crimes que nunca cometeu, como V. Ex.ª, Sr. capitão Lucínio Preza, corajosa e desassombradamente afirmou em 31 de Janeiro de 1934, na presença do Ministro do Interior.

Para o alto patrocínio de V. Ex.ª, Sr. Governador, apelam os nacionalistas de Guimarães.

## A' MARGEM

«Temos novo governo? Não. Temos novos homens no governo, o que é diferente, embora seja muito importante.» — Respigamos do combativo colega de Lisboa, *A Verdade*.



**Novo Governo** é um termo deslocado neste tempo: só se adapta aos tempos do demo-liberalismo; novo governo implica quebra da linha geral estabelecida.



**E hoje** o caminho está traçado: havemos de chegar ao fim. Novo governo? Não! Novos homens, sim. A obra continuará a sua marcha ininterrupta.



**E' preciso** não confundir. E' necessário habituarmo-nos à ideia de que *os homens passam mas os principios ficam*.



**E' por isso** que só existem «crises», nos governos, cujos principios estão em «crise». Felizmente em Portugal já não existe essa crise.



**O Governo** é o mesmo, os Ministros é que são outros.



**O novo Ministro** da Instrução é o Sr. Dr. Carneiro Pacheco, espirito **novos** e um dos obreiros mais illustres da Revolução Nacional.



**Ao iniciar** os seus trabalhos, o novo Ministro, num importante discurso, delineou o caminho a seguir no seu ministério.



**Essas palavras** — programa do seu ministério, devem ser conhecidas de todos. Por isso aqui as arquivamos, nos seus pontos principais.



«**A Restauração Nacional**, que, nos domínios do financeiro, do económico e do social, vai tam adiantada, está muito atrasada ainda nos domínios do espirito. Assiste-se em Portugal a um *déficit* de mentalidade, cujos sinais são evidentes e graves.»



## SOCIEDADE

Passou no dia 3 o aniversário natalício do glorioso escritor vimaranense, sr. dr. Eduardo de Almeida, autor de inumeráveis páginas de beleza literária.

Só a posterioridade aquilatará o valor da obra do sr. dr. Eduardo de Almeida.

**A. MARGEM**

—José Pina— Ficavamos de mal com a nossa consciência se não dirigissemos ao sr. José Pina, na hora da passagem do seu aniversário, efusivas saudações.

No meio das mal querenças locais, despeitos e raivas surdas, José Pina afirma-se, pelo seu espírito de bondade e carácter nobilíssimo, como a mais bela manifestação de beleza moral.

E esta é faceta mais tocante da sua personalidade.

Realizou-se o enlace da ex.<sup>ma</sup> sr. D. Maria Ribeiro Martins da Costa, filha do importante industrial sr. Francisco Ribeiro Martins da Costa, com seu primo, sr. Vasco Burmestre Martins.

Aos noivos desejamos um futuro repleto de felicidades.

Passou no dia 2 o aniversário do nosso prezado assinante e bemquisto industrial, sr. Francisco Joaquim de Freitas.

Para a agência do Banco Nacional Ultramarino em Tomar, partiu o nosso amigo, sr. Luiz Fernandes Azenha.

Na estrada de S. Miguel, quando vinha, juntamente com um grupo de senhoras, para esta cidade, foi atropelada por uma motocicleta, a grossa gentil conterrânea, D. Maria Beatriz Montenegro, filha do sr. José Pereira Costa 1.<sup>o</sup> informador fiscal.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Na capela da Senhora da Lapinha, realizou-se, no dia 2 de Fevereiro, o enlace da sr.<sup>a</sup> D. Jeronima Ribeiro Dias, com o sr. António Teixeira de Faria Andrade, industrial desta cidade.

Paraninfaram por parte da noiva os seus pais, sr.<sup>a</sup> D. Matilde Freitas Ribeiro Teófilo e o sr. Ilídio Ribeiro Dias; e por parte do noivo sua mãe e sua tia, as sr.<sup>as</sup> DD. Zulmira Sousa Pinto e Maria Augusta de Sousa Pinto.

Aos noivos, dotados das melhores qualidades, apeteçamos-lhes um futuro ridente.

Encontra-se melhor dos seus padecimentos, a sr. D. Juliete Guimarães Pinheiro, esposa do sr. José Pinheiro, negociante nesta cidade.

## VIDA CATÓLICA

## Domingo da Septuagésima

Evangelho:

*O reino do céu é semelhante a um homem, pai de família, que ao romper da manhã saiu a assalariar trabalhadores para a sua vinha. E, feito com os trabalhadores o ajuste de um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha. E tendo saído cerca da terceira hora, viu estarem outros na praça ociosos, e disse-lhes: Ide vós também para a minha vinha, e dar-vos-ei o que fôr justo. E eles foram. Saiu também cerca da sexta e da nona hora; e fez o mesmo. E cerca da undécima tornou a sair, e encontrou outros que lá estavam, e disse-lhes: Porque estais vós aqui todo o dia ociosos? E eles responderam-lhe: Porque ninguém nos assalariou. E ele disse-lhes: Ide vós também para a minha vinha. Porém ao fim da tarde disse o senhor da vinha ao seu mordomo: chama os trabalhadores, e paga-lhes o jornal, começando pelos últimos e acabando nos primeiros. Tendo chegado pois os que tinham ido cerca da undécima hora, recebeu cada qual um dinheiro. E, chegando também os que tinham ido primeiro, julgaram que iam receber mais; mas também eles não receberam mais do que um dinheiro cada um. E, ao recebê-lo, murmuravam contra o pai de família, dizendo: Estes, que foram os últimos que vieram, e não trabalharam senão uma hora, igualaste-os connosco, que aturamos o peso do dia e da calma. Mas ele, respondendo a um deles, disse-lhe: Amigo, eu não te faço injúria: não concordaste tu comigo num dinheiro? Toma o que te pertence, e vai-te; eu quero dar também a este último tanto como a ti. Ou não me é lícito fazer o que quero? Acaso o teu olho é mau, porque eu sou bom? Assim, serão últimos os primeiros, e primeiros os últimos; porque são muitos os chamados, e poucos os escolhidos.*

Considerações:

Assim como o primeiro domingo da quaresma, ou dos quarenta dias de jejum, se chama quadragésima na linguagem da Igreja, assim se chamam quinquagésima, sexagésima e septuagésima aos três domingos que precedem o tempo solene da penitência, para o qual devem servir de preparação. Para que estas três semanas sejam para os cristãos um tempo salutar, procura a Igreja encaminhar e preparar os seus filhos pelo recolhimento, oração, frequência dos sacramentos, e pelo exercício da caridade. Nos officios litúrgicos e na santa Missa revestem-se os ministros sagrados de paramentos roxos, símbolo da penitência e da mortificação, e cessam os cânticos de alegria. Este espírito da Igreja de Jesus Cristo, sempre oposto ao do príncipe das trevas, moveu este a introduzir no mundo usos e costumes pagãos, desordens e dissoluções de toda a espécie. Os que são de Jesus Cristo devem começar desde já a aplicar-se neste santo tempo a trabalhar na vinha do Senhor, isto é, na santificação das suas almas. Todos somos chamados a este trabalho. Só no fim do dia — no fim da nossa vida — quando o trabalho tiver acabado, é que teremos direito à recompensa que nos é permitida; e esta recebê-la-ão mais depressa os que numa vida curta, cheia de fervor, se santificarem e servirem o Senhor da vinha com generosidade e sem desfalecimento, do que aqueles que passarem longos anos na tibieza e na ociosidade. E, se o salário que nos está reservado é a recompensa infinita da felicidade eterna do céu, tenham-na sempre em vista para não nos desalentarmos com as dificuldades da virtude e austeridade de vida. Operários da primeira ou da última hora, procuremos completar e aperfeiçoar o nosso trabalho, certos de que serão galardoados todos os nossos sacrifícios e de que esse galardão não será proporcionado tanto à duração da vida como à intensidade e perfeição da virtude.

(Matth., XX, 1-16).

## Caminhos intransitáveis

Chamamos à atenção da Câmara Municipal para o estado quasi intransitável do caminho que dos Pombais vai à Feijoeira.

Para as numerosas pessoas que todos os dias são obrigadas a palmilhá-lo, constitue uma via trágica.

Além disso, a sua reparação, afigura-se-nos pouco dispendiosa.

## Crime de morte

No passado dia 2 deu-se, no lugar da Cruz da Pedra, freguesia de Creixomil, uma desordem de que resultou a morte à facada do serrador Domingos Pereira da Costa, casado, 37 anos de idade.

O assassino José Lopes de Araújo entregou-se à policia, que procede a investigações.

## Pia Associação dos amigos do Sagrado Coração de Jesus

A Reunião Mensal desta Pia Associação realiza-se no próximo domingo, constando de Missa, Comunhão Geral e Bênção do S. Sacramento, pelas 7 horas da manhã, na igreja do Carmo.

No próximo domingo, realizar-se-á a reunião mensal das Filhas de Maria, na igreja de Nossa Senhora do Carmo, constando de Missa e Comunhão Geral da parte de manhã e de tarde, Adoração e Bênção do S. Sacramento.

Terminaram na passada terça-feira as Novenas em honra do Beato João de Brito, que se realizaram na igreja dos Santos Passos, pelas 8 horas, as quais foram muito concorridas.

Realizou-se no passado domingo, a festa da Congregação Mariana, conforme tínhamos anunciado no nosso numero anterior, a qual decorreu com muito brilho.

O sermão foi pregado pelo rev. sr. padre António Cândido Pires Quesado, que agradou imenso.

A parte coral esteve a cargo dos internados das Oficinas de S. José.

Passou no dia 6 do corrente o XIV aniversário da eleição do Sumo Pontífice, o Papa Pio XI, felizmente reinante.

Comemorando tam festiva data e por determinação de Sua Ex.<sup>ma</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz, em todas as igrejas paroquiais se cantou o *Te Deum*, «Hino de Acção de Graças».

Deus nos conserve por largos anos ainda o glorioso Pontífice da Acção Católica, que com tanto acerto vai regendo os destinos da Igreja de Deus e da qual nos orgulhamos de ser filhos.

Uma mãe católica, em carta que nos enviou cheia de considerações judiciosas, pede-nos que solicitemos às autoridades a repressão da miséria moral, que com insistência provocadora, se estadeia, a todas as horas, através das ruas da cidade. É uma ostentação que desmoraliza e amesquinha.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## PROCESSOS JORNALÍSTICOS

Uma «gralha» comezinha e banal deu origem a que o *Notícias de Guimarães*, tecesse à volta de um suposto autor do artigo «Duas mentalidades» uma série de insinuações, subordinadas ao sub-título «restauros».

Bastou a ligeira troca de um *n* por um *s*, para a confecção de uma compacta coluna de prosa chocarreira.

São processos jornalísticos...

António Lino, e-não António Liso, como saiu, é o editor do nosso jornal, o noso camarada de redacção, António Lino da Veiga Ferreira Pedras.

Por favor, não envolvam com o nosso jornal, pessoas que a êle são absolutamente estranhas.

Se se tivessem conduzido serena e calmamente, não tinham errado o alvo de uma forma de-sastrada.

Aproveitamos a oportunidade para lhes afirmar que neste jornal nunca serão publicados artigos de ataque pessoal.

Brigam com a nossa dignidade, com o nosso pundonor.

Só desfazendo inexactidões, agiremos com firmeza em nome da verdade.

A corroborar esta orientação, temos as locais insertas a respeito de bairros, acção municipal, etc., que não sofreram a mínima contestação.

Pois se eram a expressão da verdade!

Contornar os assuntos, distilando insinuações e ódios mal contidos, não sabemos nem temos feito para isso. São dois processos jornalísticos opostos, distintos, bem diferenciados.

Leiam, meditem aquelas admiráveis primeiras páginas do II vol. dos Ensaíos do pedagogo António Sérgio!

Encerram conceitos de alta beleza moral! «Odiando, confestas-te inferior àquele que odeias: e és nisso injusto, injusto contigo». «Digo-te que ocultas no teu próprio espírito possibilidades inúmeras de elevação, e que não creias definitiva tal atitude, que improvisaste sem reflectir. Livra-te dêsse amargor que tens na alma: habitua-te a sorrir e a cantar».

## AGRESSÃO VIOLENTA

O regedor da freguesia de S. Salvador de Briteiros entregou à polícia João de Sousa da Costa e seu irmão Pedro de Sousa da Costa, que na noite de 2 para 3 do corrente agrediram com um forçado de ferro José Ferreira Dias, proprietário da mesma freguesia, o qual foi conduzido ao Hospital da Misericórdia, onde morreu.

# DUAS MENTALIDADES

Porque não sentes o Ressurgimento português — nada em ti é alto, vives pelos sentidos, grosseiro materialista —, não comprehendes, não podes compreender, a formação duma mentalidade Nova em Portugal. «Uma mentalidade nova fará ressurgir Portugal», disse aos vanguardistas, na memorável sessão de S. Carlos, Salazar.

Para ti é vazia de sentido! Para nós é o lema que nos levará à vitória! E' nela que baseamos toda a educação portuguesa: Nela está o Futuro, o Amanhã de Portugal!

Para que essa nova mentalidade seja um facto que é preciso fazer?

Eis a pergunta que todo o nacionalista já deve ter feito.

Que precisamos fazer? — que é preciso então?

Em primeiro lugar ter fé e confiança em Salazar.

Em segundo lugar é preciso que todas as funções públicas de natureza política ou administrativa, judicial ou militar, **sem exclusão das que pertencem ao professorado**, em especial as de **ensino primário**, sejam desempenhadas por quem melhor, ou menos mal, reflita o alto exemplo de abnegação, sinceridade, justiça e patriotismo que Salazar nos dá.

Para o conseguirmos, para que o ressurgimento da Pátria continue sempre mais e mais, e não morra com o desaparecimento dos homens que a levantaram, — como aconteceu a Napoleão e Albuquerque, Primo de Rivera e Sidónio Pais — emfim, para que a Revolução continue, **é preciso** que os obreiros da nova mentalidade portuguesa, os educadores, vivam essa mentalidade, sentindo-a, para a bem saber ensinar.

Essa mentalidade deve fundar-se no amor a Portugal, à sua história; é preciso incutir nas crianças, desde muito cedo, o amor às cousas que nos falam dos nossos maiores; é preciso, mais tarde, incutir-lhes o amor pelos estudos históricos.

Para bem ensinar aprendamos primeiro a história, mas a verdadeira História de Portugal.

«A todos nós cabe a obrigação de restaurar a «história» na História de Portugal. Que a nova geração, — geração que das ruínas levantará o Portugal-Maior —, chame a si êsse soberano encargo, — e decerto que a Vitória, abrindo as suas densas asas drapejantes, se lhe virá oferecer para guia seguro do caminho!»

Que estas palavras do grande mestre do Nacionalismo Português, António Sardinha, sejam seguidas pelos novos de Portugal e a Revolução intensificar-se-á, Portugal Ressurgirá eternamente!

Para que êste amor Pátrio não seja chama alta que a seguir se extinga, é necessário que os orientadores da juventude, os professores, saibam impor-se a seus olhos como exemplo de honestidade, de carácter. Pesada responsabilidade a sua, pois de si depende toda a acção educativa da mocidade portuguesa: a esperança do Portugal de amanhã!

A revolução de ordem moral vai agora recomeçar sob a égide de Carneiro Pacheco.

Na sua proposta de lei à Assembleia Nacional diz-nos, já, que «à escola pertence constitucionalmente a função de cooperar com a família na educação da juventude bem como o dever de orientá-la para servir a Humanidade dentro da realidade histórica e das gloriosas tradições da Nação Portuguesa».

(Continua na 4.ª página)

## A' MARGEM

«Insuficiência de preparação para as lutas da vida»

Impreparação física — desportos sem regra; insuficiência moral — instrução sem educação; deficiência intelectual — ignorância das ideias mestras; inconsciência do próprio valor nacional — a escola não dá à juventude a consciência do Império; indisciplina mental da mocidade — que, aliás, aqui e além revela anseios de reacção.»

Depois de fazer uma crítica aos programas de ensino, «organizados segundo um critério de ciência a péso», com prejuízo da educação moral e física, S. Ex.ª disse o que de urgência havia na sua simplificação.

«Vem depois o livro... outra tragédia! Como de cada cabeça cada sentença, há uma multiplicidade de formas para a mesma matéria e para o mesmo grau, determinando no espírito de estudante a confusão.»

Diz-nos que o seu programa vai dar cumprimento ao § 3.º do artigo 43 da constituição, que manda orientar o ensino pelos princípios da doutrina e moral cristãs.

«Far-se-á a organização da mocidade portuguesa no sentido do desenvolvimento integral da sua capacidade, do amor ao trabalho e da consciência cívica.»

Em seguida apela para a Imprensa do País para com êle colaborar na grande obra a começar, dizendo que muito em breve o seu ministério se passará a chamar **Ministério da Educação Nacional**.

E terminou: «E' costume dizer-se que quem ocupa um posto ministerial vai render a guarda. Eu não venho render a guarda. Venho tomar uma ofensiva. Dirigir a ofensiva do Estado Novo pela Educação Nacional!»

«Costuma também dizer-se que neste ministério não se faz política. Ao contrário, eu declaro que venho fazer política neste ministério: **a política de espírito, a política da Nação.**»

Já foi por Sua Ex.ª o sr. Ministro da Instrução apresentado à Assembleia Nacional a proposta para a reforma integral do Ministério da Instrução Pública.



# PELA CAMARA

Sessão de 6 de Fevereiro de 1936

## Requerimentos:

De Manuel Mendes de Oliveira, da rua de Camões, desta cidade, pedindo a anulação da taxa de turismo com que foi colectado, visto ter encerrado o estabelecimento sobre o qual a mesma incidia. — Indeferido por vir fora de prazo.

— De Laurinda Ferreira Lopes, do lugar da Boavista, freguesia de S. Cristóvão de Abação, para construir uma ramada à face do caminho público que daquela freguesia dirige à de Gémeos. — Deferido.

— De Alfredo Barbosa da Silva Melo Júnior, casado, da freguesia de Serzedo, pedindo a prorrogação por mais um ano da licença que lhe foi concedida para construir dois barracos de madeira na sua propriedade das Quintais de Cima, sita naquela freguesia. — Deferido.

— De António José Pereira da Silva Lima, da rua de Alcobaça, desta cidade, pedindo que a derrama municipal que lhe foi lançada seja liquidada de harmonia com a correcção que vai ser efectuada na Repartição de Finanças, para onde reclamou. — Aguarde-se o resultado da sua reclamação na Repartição de Finanças.

— De Hilária Ferreira da Silva, residente nas Caldas das Taipas, para construir um andar no seu prédio, sito na rua António de Barros, freguesia de Caldelas, e depositar na via pública o material para a referida obra. — Deferido.

— De José Fernandes Guimarães, proprietário e industrial, da rua da Liberdade, freguesia de Creixomil, a pedir licença para construir um barraco de madeira, para guarda de lenhas, nas traseiras do seu prédio, sito na Avenida Miguel Bombarda. — Deferido.

— De Benta de Freitas, casada, de Pinhão, freguesia de S. Torcato, a pedir um subsídio de lação para um seu filho de tenra idade. — Concedido o subsídio de 15 escudos.

— De Maria de Araújo Salgado, proprietária, de Vizela, pedindo licença para reformar uma parede no lugar da Igreja, freguesia de S. Miguel das Caldas, e oferecendo à Ex.<sup>ma</sup> Câmara algum terreno para alargamento do caminho no referido lugar, no caso desta reforma de pa-

rede ser feita por conta do Município — A' Repartição Técnica para organizar o orçamento.

## Deliberou:

Autorizar a professora da escola de S. Salvador do Souto a mandar concertar o telhado da escola da referida freguesia;

Autorizar o pagamento de duas guias de reposição da despesa ao Estado, respectivamente das importâncias de 15\$28 e 7\$64;

Autorizar o sr. Vereador da Higiene a adquirir pelo preço de cinco mil escudos um insulador destinado ao Matadouro Municipal;

Autorizar o pagamento do subsídio em dívida à Sociedade Martins Sarmiento na importância de dez mil escudos;

Internar na Casa de Saúde do Bom Jesus de Braga a doente Casimira Soares, solteira, de 27 anos de idade, da freguesia de S. Paio, de ta cidade;

Encarregar Bernardino Jordão, Filhos & C.<sup>a</sup> Limitada, desta cidade, da instalação eléctrica subterrânea da rua de Nun'Alvares, depois desta firma ter informado a Câmara do preço que atribue a cada metro de cabo igual à amostra que enviou.

Não consentir que os empregados do Matadouro Municipal, ao serviço da matança, exerçam quaisquer funções da sua profissão fora do Matadouro por conta de particulares, enquanto não fôr aprovado o respectivo regulamento.

Foram sorteadas as seguintes obrigações de empréstimos camarários: Empréstimos de Viação: 1.<sup>a</sup> série: n.<sup>os</sup> 136, 22, 131, 233, 165, 158, 202, 214, 246, 245, 204, 243, 50, 223, 133, 152, 24, 168. 2.<sup>a</sup> série: n.<sup>os</sup> 62, 32, 129, 63, 12, 13, 59, 41, 33, 82, 31. Ultima série: n.<sup>os</sup> 37, 30, 40, 62, 36, 7, 11, 32, 27, 35, 31.

Empréstimo Geral: 1.<sup>a</sup> série: n.<sup>os</sup> 120, 243, 372, 371, 140, 344, 251, 115, 77, 368, 223, 282, 188, 112. 2.<sup>a</sup> série: n.<sup>os</sup> 176, 172, 92, 53, 134, 89, 137, 280, 29, 290, 354, 136, 102, 355. Ultima série: n.<sup>os</sup> 8, 58, 28, 83, 126, 72, 80, 29, 27, 59, 54, 123.

Deliberou ainda autorizar o pagamento de 5.000\$00 à Sociedade Histórica da Independência de Portugal, para a compra do Palácio dos Almadas, em Lisboa.

## VÁRIAS NOTÍCIAS

Deve assumir por estes dias as funções de Juiz do tribunal desta comarca, o sr. dr. Artur Valente, magistrado integérrimo.

— Esteve nesta cidade o sr. Baltazar de Castro, ilustre funcionário da Direcção dos Monumentos Nacionais.

Sua ex.<sup>a</sup> visitou a casa do Priorado, que se encontra em estado iminente de ruína. Sob a orientação do director do Museu Alberto Sampaio, vão em breve ser iniciadas as indispensáveis reparações.

# DUAS MENTALIDADES

(Continuação da 3.<sup>a</sup> página)

Sobre a história de Portugal afirma que «a variedade de critérios na exposição da História de Portugal, ainda quando desapaixonados os autores, compromete a Verdade Histórica, que ao Estado, realizador consciente do interesse nacional, cumpre defender, e que do mesmo modo este exige a forte unidade moral e cívica de todos os portugueses».

Na Verdade Histórica seja justo destacar Alfredo Pimenta, Caetano Beirão, Queiroz Veloso e outros.

A luta é espinhosa — o presente é consolador — a vitória será nossa!

Que os professores saibam ser, acima de tudo, educadores para que esta geração, mais tarde, não diga o que a anterior disse dos seus mestres, contra quem se revoltou, pela errada noção de vida que lhe deram!

Para que isso não aconteça ainda há muito mais a fazer.

*E' necessário que para todos os cargos, que a morte, a idade ou a lei vão fazendo vagar todos os dias, sejam sistematicamente escolhidos os melhores.*

**E melhores** não são os mais inteligentes, porque mais cultos ou mais habilitados, *são os que no mais alto grau rendam às habilitações necessárias, a inteligência e a honestidade: a aliança da competência necessária e do carácter.*

Hoje insurges-te contra as medidas apresentadas à Assembleia Nacional pelo ilustre ministro Dr. Carneiro Pacheco porque manda cumprir na tua escola o artigo 43.<sup>o</sup>, § 3.<sup>o</sup> da Constituição, obrigando-te a orientar o teu ensino segundo a doutrina e moral cristãs.

Não compreendeste o espírito da frase de Salazar! Estas medidas são os primeiros passos para a grande Revolução da Mentalidade Portuguesa.

E' por isso que me não comprehendes!

Entre nós, separa-nos um abismo — o abismo de duas mentalidades que se chocam.

Tu és um passado, natureza morta de vida morta, vegetando na podridão dêsse passado!

Eu sou o presente, natureza viva de vida viva, reverdecendo o tronco centenário, para que, no futuro, torne a ser a árvore doutro, dando sombra e carinho à Família Portuguesa!

ANTÓNIO-LINO.

## Casa dos Pobres

Realizou-se no dia 31 de Janeiro a Assembleia Geral da Casa dos Pobres para aprovação do relatório e contas da gerência de 1934-1935, e ainda para eleição de dois Directores.

Presidiu o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. João Aires de Azevedo, secretariado pelos srs. Camilo Laranjeiro dos Reis e Sebastião Teixeira de Aguiar.

Aberta a sessão foi lido o relatório e contas, que depois de devidamente apreciado foi aprovado por unanimidade, sendo proposto um voto de louvor à Direcção.

Seguidamente o sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis propôs para os cargos vagos os srs. Luiz Alijó de Lima e Belmiro Mendes de Oliveira, respectivamente para Director 2.<sup>o</sup> Secretário e Director

Substituto, proposta esta aprovada por aclamação.

O sr. João Teixeira de Aguiar, Director-Administrador, propôs um voto de agradecimento à ex.<sup>ma</sup> Comissão Administrativa da Câmara, pelo carinho com que olha por esta grandiosa obra de Assistência.

O sr. dr. José Francisco dos Santos, Presidente da Direcção, propôs para que ficasse exarado na acta um voto de louvor às Irmãs que, com tanto zelo, abnegação e carinho dirigem esta Instituição, e ainda um voto de agradecimento aos srs. subscritores.

Foi ainda apresentado pelo sr. Director-Tesoureiro, um officio do ex.<sup>mo</sup> sr. Governador Civil do Distrito, acompanhado de um cheque de 500\$00 destinados a esta Casa, que mereceu da Assembleia os mais gratos votos de agradecimento.



## Leonardo Coimbra

## O COICE DO ASNO

A velha lenda do leão moribundo e o asno tem sua filosofia, e no decorrer da vida quantas vezes se nos depara a sua aplicação.

Sucedeu há pouco ainda...

Leonardo Coimbra — espírito gentil, de uma lealdade científica e coerente nos seus estudos de filósofo, foi pouco a pouco abeirando-se daquela Luz da Verdade, pela qual sua alma ansiava desde muitos anos. Com probidade e honestidade de homem dado à ciência — sincero em seus trabalhos — não sem grande luta fútila afervorada por teorias que durante muito tempo lhe pareceram as melhores — foi pouco a pouco descobrindo que errado era o seu caminho. E lentamente, cuidadosamente, apertou e entensificou o rumo para essa Luz da Verdade; e quando em pleno a viu brilhar, lúcida a sua inteligência, renunciou ao passado, nas vésperas do dia da consoada do ano findo, junto ao altar — holocausto do Deus de Amor — dêsse Deus de perdão e de misericórdia — Leonardo Coimbra santificava a sua união de anos com essa Espôsa dedicada que o seu coração escolhera, embora pobre, para Mãe de seus filhos — um que morrera na meninice; o outro que nesse mesmo dia recebia o Baptismo.

Dias, apenas depois de seu noivado cristão — e como o sentiria Leonardo Coimbra, mais cheio de puros e suaves encantos! — colheu-o a morte.

E se para muitos a sua conversão foi surpresa, maior e sentida foi a notícia do desastre, e mais sentida ainda a da sua morte.

Tombado no leito mortuário ele — que fôra leão de não poucas batalhas do pensamento; que fôra incensado e elevado na aura crepitante de correligionários que mais do que lhe admiravam o talento, a nobreza do pensar e a lealdade da sua forte inteligência, lhe adulavam as frases retóricas de que podiam tirar efeitos, nem sempre ajustados ao pensar e sentir do filósofo — já não pôde sentir o coice do asno: «marcou mais pelo seu saber do que pela sua vida pública, levada ao sabor das suas paixões».

A vida pública de Leonardo Coimbra!

Mas, pode bem dizer-se que desde muito novo, Leonardo Coimbra entrou na vida pública; que a sua vida foi, desde os bancos da Escola a vida de um combatente — desde a extrema esquerda, nas fileiras do anarquismo revolucionário!

Quando um dia se fizer a História, em verdade, dos últimos cinquenta anos da vida política de Portugal, Leonardo Coimbra

## 31 de Janeiro

(Retardado)

Passou mais um ano sobre a data de 31 de Janeiro. Não deve ser esquecida dos nacionalistas esta data. Infelizmente nem todos põem no seu justo lugar a revolta de 31 — as mais das vezes por ignorância, ou falsas narrações, do episódio de 1891.

O 31 de Janeiro não foi uma revolução — foi antes um acto de revolta contra o amodorrimento da Nação, procurando reanimá-la e fazê-la regressar à posse dos seus destinos perdidos.

A República de 31 de Janeiro, não o era pelos princípios de amor à liberdade, igualdade e fraternidade. O seu ideal era o de República, porque, diziam eles, «a monarquia se acha inevitavelmente, fatalmente vinculada e soldada a êsse passado de constitucionalismo, cuja incompetência e corrupção julgamos ter sido superabundantemente comprovada em anos já longos de des-governo; resta, portanto, uma única solução — a República — para salvar o país, que já não pode ser salvo pela monarquia».

Estas palavras definem bem a revolta de 31 de Janeiro. Ela fez-se para implantar a República, não como fim, mas como o único meio de salvação da Pátria. Ela fez-se contra a política inferior dos últimos anos do reinado de D. Luiz, que deixara resvalar Portugal num abismo, onde esteve prestes a desaparecer.

Enviam-nos o *ultimatum*. O Governo cede.

O País reage, erguendo-se num violento protesto contra a traição da aliada.

Tudo isto acumulado prepara o ambiente — a revolta estala.

«Verificava-se que não tínhamos nem exército nem diplomacia; a nossa política não passava dum político suicídio de inglório e lento.»

Foi um acto de revolta, combate fratricida inútil, que ficará na história como o protesto de alguns são patriotas — embora idealistas românticos — contra êsse crime que foi a implantação do liberalismo em Portugal.

31 de Janeiro de 1936.

ANTÓNIO LINO.

nela aparecerá no lugar que por direito lhe pertence.

E o seu exemplo de coerência e desassombro e de tristeza e de revolta contra a intransigência anti-religiosa dos seus correligionários, há de servir a prestar à sua memória merecido louvor — porque lhe fará Justiça — aquela Justiça que muitos plúmicos na morte lhe negaram.

V. V.

## LIÇÕES CULTURAIS

## A TEORIA DA DEMOCRACIA

Eu sei que a vida social é feita de preconceitos necessários e de ficções úteis, certo como é que o conceito pragmático da verdade é justo e real.

Mas o Parlamentarismo é uma mistificação repugnante, pelos ares que se dá de absolutismo dogmático — afirmando-se precisamente o contrário. Não era necessário que falasse nas suas funestas conseqüências que são evidentes, hoje, em todos os países, pois que ali na própria Inglaterra, onde se gerou tam singular insensatez, se está caracterizando já a falência do regime parlamentar.

Todos sabemos que os períodos mais notáveis da nossa Política são aqueles em que o absolutismo de um homem dominou. Andam a exaltar o Marquês de Pombal, os democratas e os parlamentaristas, os liberalistas e os homens das ideias modernas — porque nada sabem do Marquês.

Houve lá criatura, em Portugal, menos democrata que o Marquês, mais absolutista que o Marquês, mais senhor da sua opinião que o Marquês, mais desdenhoso das opiniões alheias, das opiniões populares, da intervenção da turba nos negócios do Estado, que o Marquês? Para que me falam em Parlamentarismo os liberais constitucionais, se a ditadura de Mousinho da Silveira é o seu período áureo, perante o qual se deslumbram? Para que me falam em Parlamentarismo os republicanos, se todas as medidas de governo que os enchem de satisfação e envaidecem, são decretadas em ditadura, pelo Governo Provisório?

Toda a acção do governo é uma acção de violência, de imposição, de força. Governar é coordenar; coordena-se a bem quem obedece, coordena-se à força quem desobedece. Quem governa, manda. E quem manda, faz-se obedecer, primeiro pela persuasão, depois, quando esta é impotente, pela força. Ou o poder reside num homem, ou num grupo de homens, ou numa multidão — a sua base essencial é essa e não pode ser outra. Uma sociedade não é tanto mais perfeita e civilizada quanto mais cada indivíduo comparticipa do poder, mas sim quanto mais conscientemente cada indivíduo obedece. A consciência do dever, a consciência da obediência, são estádios superiores de civilização.

(Continua)

ALFREDO PIMENTA.

(Dos *Novos estudos filosóficos e críticos*).

## A' MARGEM

Dessa notável proposta transcrevemos:

«Considerando que a educação física, a educação cívica e o sentimento Pátrio andam indissolúvelmente ligados e só podem desenvolver-se integralmente por uma adequada *Organização Nacional da Mocidade Portuguesa*, formação pre-militar tam necessária à Paz construtiva como à defesa nacional...»



«Considerando que a Constituição Política, fiel à larga e benemerita acção histórica que fez de Portugal, nos quatro cantos do Mundo a grande Nação que é, expressamente determina que a Juventude Portuguesa seja cristãmente educada (§ 3.º do art. 43.º), e que uma cousa é a separação do Estado e da Igreja, por ela mantido, entre o espirito laico, que é contrário à Constituição, à ordem social, à família e à própria natureza humana...»

«O Governo tem a honra de submeter à Assembleia Nacional esta proposta de lei» reformando o Ministério da Instrução Pública.



**Palavras claras.** Sua Ex.<sup>a</sup> veio corresponder às necessidades do País e às mais altas aspirações nacionais — a guerra à escola laica e neutra.



**Já em 1908** Jaurés afirmava a respeito da mentalidade escolar em França: «a hipocrisia das suas origens bastaria para a condenar!»



**Jules Simon** passou à escola neutra êste atestado: *a escola neutra é a escola nula.*



**Bem haja,** pois, Senhor Ministro da Instrução, pelas afirmações desanuviadas que vieram de encontro ao sentir da Nação.



**Ah!...** Acabou-se o *mostrengo* das *escadas de pau* da Rua de Santo António!...

... O *casebre* da Avenida!!...  
... o *cotovelo* das hortas!!...  
Ah!... que alívio!



**Sonho?!**... realidade?!  
Alívio?...

¿Mas se he dá à Câmara para fazer desaparecer os *mostrengos* que restam: *pastagem coradoiro* de S. Francisco e a *garagem das sardinhas* do Vinagreiro?



**Alívio?**

Ai de mim, pobre jornalista, ¿onde terei eu assunto para preencher o jornal?

Como quebrar essa monotonia a que estava habituado?...



## HIGIENE E PROFILAXIA

Tanto se escreve, tanto se lê, e tam pouco se aproveita! Infelizmente a nossa Imprensa, salvo raras excepções, é bem pouco fecunda em assuntos de ordem higiénica capazes de nos prevenir contra intoxicações ou infecções que só a ignorância duns e a maldade doutros explicam.

A par das intoxicações e infecções motivadas pela inconsciência ou, precisando melhor, pela ignorância, temos aquelas que são provocadas por agentes vários, mas sempre com a responsabilidade de indivíduos a quem hoje é moda apelidar de mixordeiros, mas que nós, creio que com muito mais propriedade, denominamos criminosos convictos e voluntários, para quem a saúde do seu semelhante é um assunto meramente secundário, porque o principal é a ganância e os seus interesses pessoais.

Paralelamente com a civilização o individualismo caminha; cada um trata de si, perdendo-se a pouco e pouco a consideração e respeito por aquilo que deveria ser mais sagrado — a saúde do próximo —. Para estes não só deve ir toda a nossa repulsa mas também a nossa perseguição sem desfalecimentos.

O número de intoxicações aumenta de dia para dia, umas vezes por alimentação defeituosa, outras porque é imprópria, e em breve os seus defeitos, mais ou menos graves, mas sempre perniciosos para o organismo, são patenteados, causando na maior parte das vezes danos irreparáveis nesta magnífica máquina que é o corpo humano.

E' dever de todos aqueles a quem está confiada, de algum modo, a defesa da saúde pública, divulgar, por todos os processos ao seu alcance, os meios de defender a vida, velando por manter íntegra a saúde. E porque assim o entendemos, é que, gostosamente acedemos a colaborar nesta secção do *Berço da Grei*, convictos que assim procedendo, contribuímos, ainda que com uma pequena parcela, para sermos útil a alguém. Pena é que a dificuldade em redigir e a falta de erudição sejam caracteres pelos quais nos distingamos, porém antecipadamente confiados na benevolência do leitor, atrevemo-nos, apesar de tudo, a vir até junto d'ele.

J. B.

## S. BRAZ

No importante centro fabril do Pevidém, realiza-se amanhã, domingo, a grande romaria de S. Braz, que costuma ser muito concorrida.

# EDUCAÇÃO

Todos os povos que conhecem o valor do progresso moral ligam grande importância à educação.

Educação e ensino são modalidades distintas do mesmo problema.

Quem tiver olhos de ver e tiver ocasião de observar a maneira de falar das pessoas de certas cidades, vilas e aldeias, concluirá facilmente qual é a educação da gente dali.

Um exemplo muito simples: São vulgares os passeios de grupos de pessoas que visitam certas terras conhecidas por qualquer coisa que as caracterize. E' o turismo em acção. Um ou outro visitante mais curioso observa a maneira como se apresentam as crianças.

Aqui encontra-se um grupo delas mal vestidas, sujas e com maneiras bruscas.

Insultam-se sem saberem o significado das palavras que empregam.

Dizem o que ouviram dizer. Repetem os insultos com grande algazarra. As mãis estão perto e são insensíveis a tudo isto.

E' claro que o visitante não poderá formar bom conceito da educação da gente da terra que visita. Pode dizer-se que esses casos são isolados e pouco provam. Não é bem assim.

Se em alguma parte um grupo suficientemente numeroso de crianças praticar certos actos que a boa educação condene, isso é sinal claro da educação das crianças, dos pais e do meio que tolera isso.

Estou cada vez mais convencido de que, as primeiras mestras más que os pequeninos encontram são, infelizmente muitas vezes, as próprias mãis.

Desculpam-se elas com as companhias que os seus filhos encontram a cada passo. Sendo certo isso, é preciso corrigir o meio em que vivem.

Mas não me custa acreditar que alguns pais, depois, talvez, de gastarem na taberna o que lhes faz diferença para a vida da família, em casa ralhem com as mulheres que lhe pedem dinheiro para pão, para azeite e para outras cousas indispensáveis à vida, por mais modesta que ela seja. E como na casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão, acontece que as mulheres não se calam e os homens também não e o resultado são insultos de uns para com os outros. E' esta a primeira escola do vício.

Nos cérebros dos pequeninos gravam-se bem e talvez para sempre, os palavrões que ouvem.

Há quem fale mal toda a vida.

Não faltam pessoas de certa categoria social que dizem palavras capazes de fazer corar um porta-machados, como poderia dizer-se em outros tempos.

E' caso para se perguntar se a fraca educação também pode existir entre pessoas de razoável posição social. E' claro que pode. E' sabido que alguns indivíduos que a sorte levou a certos cargos pertenciam a classes humildes, em que não puderam aprender o indispensável a um homem de boa educação.

E mesmo entre algumas pessoas que nasceram em pergaminhos, uma vez ou outra se nota qualquer cousa parecida com falta de educação. Talvez isso seja devido, em parte, à convivência entre pessoas de classes diferentes.

Mas não se pensa que eu pretendo restabelecer o regime das velhas classes em moldes rígidos. Para mim há a classe dos bem educados e a dos mal educados. E nunca elas se poderão confundir, qualquer que seja a acção das chamadas ideas democráticas, porque o bem e o mal serão sempre cousas opostas para as pessoas de senso. A propósito do assunto de que trato, apresentarei um exemplo. Mussolini, o grande ditador italiano, conhecia bem a falta de educação de muita gente da cidade de Roma. Não era já o conjunto dos criminosos que se refugiaram na primitiva Roma nem eram os emigrados da Calábria que deviam ser responsáveis por essa falta.

Mas, fôsse qual fôsse a causa daquela pouca educação, é certo que Mussolini, quasi de repente, conseguiu que nas ruas de Roma, só raras vezes se ouvissem palavras impróprias de uma terra civilizada. E' claro que não foi a educação que operou esse prodígio, porque a acção da educação tem de ser lenta. O elemento morigerador foi o castigo, aplicado de várias maneiras. Nem para certas pessoas há outro argumento. A's vezes há necessidade de reger os povos com dureza.

Certos homens de humanos só têm a forma. As acções são de outros seres.

Mas não me parece impossível nem muito difícil conseguir que em uma terra ou outra em que se fale mal esse costume desapareça, em boa parte, em pouco tempo. O remédio deve ser de ordem física e não de ordem moral.

ALIENUS.

## OS REGIONALISTAS E AS CASAS DO POVO

Rehabilitemos a palavra regionalismo adulterada pela acção estéril e nula das mentalidades concentradas em preocupações rasteiras e doentias.

A um regionalista sincero e desinteressado, de olhos postos no bem colectivo, cumpre-lhe, como imperativo categórico, a propaganda e expansão das doutrinas tendentes à elevação moral e económica das populações abandonadas das nossas aldeias.

Casas do povo — eis matéria vasta, cheia de famosos capítulos para os regionalistas bem intencionados.

Abandonemos a política de campanário, e em sua substituição, lancemo-nos na política do bem geral, do engrandecimento colectivo, na política sem politiquice.

As nossas populações rurais, sem protecção nem auxílio, encontram nas Casas do povo, carinho, educação e amparo, elas que toda a vida andaram desamparadas.

Não se coadunarão, porventura, os objectivos das Casas do Povo, com uma acção regionalista?

Vejamos os seus fins:

a) Previdência e assistência — obras tendentes a assegurar aos sócios protecção e auxílio nos casos de doença, desemprego, inhabilidade e velhice;

b) Instrução — ensino aos adultos e às crianças, diversões e cinema educativo;

c) Progressos locais — cooperação nas obras de utilidade comum, comunicações, serviços de água, higiene pública.

As suas receitas estão asseguradas pela legislação que regulamentada esta elevada obra social.

O Estado concede 5 contos, os proprietários contribuem com a quota mensal de 5\$00, os lavradores com 1\$00.

Estarão estes princípios em contradição com o programa dos regionalistas?

Decerto, não.

Sendo assim, imanemo-nos em levar a boa doutrina a todos os recantos do concelho de Guimarães apontando aos proprietários e às autoridades paroquiais o rumo a seguir.

O nosso concelho, tendo importantes centros de população, apenas regista a Casa do Povo de Ronfe.

Vá, senhores regionalistas, duas palavrinhas em prol das Casas do Povo.

### Festas da Cidade

Está convocada para hoje uma reunião dos membros da comissão organizadora das Festas da Cidade.



# ROMA E MOSCOVO

## FRENTE EM FRENTE

Atravessamos uma época mais que nenhuma, talvez, decisiva para os destinos da humanidade.

Desde séculos longínquos se vieram formando e transformando, surgiram e desapareceram, várias e diferentes ideologias sociais, económicas, morais e políticas, umas mais ou menos conformes e baseadas nas ideias que mais tarde Platão havia de coordenar estabelecendo os seus princípios, outras mais ou menos fundamentadas na escola graciana, até ao momento em que sobre a humanidade apareceu a bandeira — símbolo de uma nova civilização alicerçada num Mandamento Novo — Caridade!

E desde a aurora dessa nova ideologia, prégada, ensinada e posta em prática há mais de dezanove séculos, ficaram frente em frente uma da outra duas correntes sociais, económicas, morais e políticas — cada uma seguindo os acontecimentos — e quantas vezes prevendo-os até?! — e procurando cada uma (por métodos e aplicações; por estudos e experiências nem sempre profundamente em ajustada harmonia com os princípios — bases de que emanavam) a mais larga influência, o maior número de adeptos para assim alcançarem o seu fim: uma — unicamente o fim único sobre a terra; a outra — com o melhor bem estar da humanidade durante a vida terrena o fim último da eterna felicidade dos homens.

Foram-se extremando, por vezes, os campos de uma para com a outra, e tantas vezes também de uma para a outra foram-se estreitando.

Luta tam antiga, que quasi a podemos demarcar no assassinato de Abel praticado por seu irmão Caim.

Sem que, porém, vamos procurar-lhe tam longe a origem; deixando mesmo, as «vagas ideias comunistas na filosofia de Platão»; nem procurando dar conta daqueles «últimos tempos da liberdade grega» em que «os reis de Sparta, Agise Cleoméne operaram pela força uma partilha de bens entre todos os cidadãos»; não entrando em conta os *latifúndia* com a lei agrária dos Gracos, e ainda as consequências sociais, económicas e políticas da formação, desenvolvimento e queda do império romano; — não sendo também propósito discutir, aqui, as várias e diferentes formas de governo, que no nosso assunto não estão em causa — iremos a procurar os princípios basilares das duas doutrinas que extremam mais e mais, em nossos dias os campos, e como que, por assim dizer, lhes põem balizas tam firmes e inultrapassáveis, que não é possível um meio termo — uma ponte de ligação, uma *terra de ninguém* (que poderia servir, e a muitos tem servido e vai servindo ainda, para ocultos fins nem sempre completamente encobertos).

Não faz mal que se repita, e até conveniente se torne a dizer, que estão frente em frente *Roma e Moscovo* — e que entre *Roma e Moscovo* não há meio termo. De cada vez mais se vão desanuviando os campos e os indivíduos, as famílias, as sociedades e os Estados, num futuro mais próximo do que a muitos se afigura, terão que decidir-se.

Para essa decisão todas as forças solicitam a inteligência e a acção da humanidade.

(Continua).

# NÃO DIGA ASSIM... DIGA ANTES...

## As desinências verbais MOS, STE e STES

Como todos sabem, a primeira pessoa do plural dos verbos da nossa língua termina sempre em *mos*. Cremos que não há excepção alguma. Todavia, no falar de muito boa gente da nossa terra apparece-nos transformada em *nos* nalguns tempos. Já freqüentemente nos têm ferido o ouvido formas como estas: para *falarmos* em vez de para *salarmos*, sem *queremos* em vez de sem *querermos*, quando *partirmos* em vez de quando *partirmos* e se *quisermos* em vez de se *quisermos*. Não tem justificação possível erro tam destoante.

Um outro mais generalizado nas classes incultas é o de trocar-se a terminação *ste* da segunda pessoa do singular do pretérito perfeito por *stes* da segunda pessoa do plural. Dizem muitos: *tu estivestes* em lugar de *tu estiveste*. Em compensação dizem *vós estivestes* em vez de *vós estivesteis*. Não são legítimas as formas em *steis*, embora se expliquem pela semelhança com outras terminadas em *eis* também da segunda pessoa do plural, como *amáveis*, *estáveis*, etc.

Não digam, pois, *partirmos*, *quisermos*, *tu fostes*, *vós fizestes*; digam tão somente *partirmos*, *quisermos*, *tu foste*, *vós fizestes*.

J. S.

# DO CONCELHO

## CALDAS DAS TAIPAS

*Corporação Fabriqueira Paroquial*. — Em conformidade com o Direito Canónico, o venerando Prelado desta arquidiocese publicou, em tempo, um Decreto pelo qual são constituídas em pessoa moral as corporações encarregadas do culto paroquial católico, chamadas *corporações fabriqueiras paroquiais*.

O Estado português, pelo Decreto governamental n.º 3:856, referendado pelo Ministro da Justiça dr. Moura Pinto em 1918, e pelo Decreto n.º 11:887, referendado pelo Ministro da Justiça, dr. Manuel Rodrigues, em 1926, reconhece a essas instituições eclesiásticas personalidade jurídica civil.

No último domingo, a convite do pároco, houve uma reunião, na qual foram escolhidos para a nossa Corporação Fabriqueira os seguintes senhores:

Adelino Ferreira Manso, António Lourenço Júnior, Américo Ferreira, Francisco da Silva Braga, Francisco Martins da Costa e Silva, José da Silva Martinho, José da Silva e José de Oliveira, sob a presidência do referido pároco, como o Decreto ordena.

Todos os católicos da freguesia exultam, porque as pessoas escolhidas são garantia de que alguma coisa há-de fazer-se, do muito que há para fazer.

*Visita a um venerando ancião* — Foi nos dado entrar em casa dum velhinho de 88 anos, ali abaixo, no Arquinho. A choupana do pobre ancião fica debruçada para o ribeiro, que, nestes dias e noites de profunda invernã, ruge formidável aos ouvidos do triste. Ouvimos aquelle venerando homem evocações comovedoras do passado tam distante.

E que diferença! que diferença! Como os tempos mudaram! E como os caracteres e as almas das pessoas mudaram!

«Como isto dá vontade de mor-

rer!» exclamara aquelle famoso exilado de Vale de Lobos.

Mas não dizemos que isto dá vontade de morrer.

Isso e muito mais dá vontade de viver — em vida forte, em vida activa — para remédio a tanto mal que, a vingar, será a deshonra duma época.

Trabalhe-se a *bem da Nação*, a *bem da sociedade*, a *bem das almas*.

Fora com o egoismo daninho, com a basófia truanesca!

Mas para que falamos no velhinho?

Em muitas e até obscuras terras de Portugal, há corações de bondade cheios que ansiosamente procuram a infelicidade, a desventura alheia para, compadecidamente, lhe administrar alívios.

E não esperam que à porta venham bater e implorar compaixão.

Por seu pé caminham, inquirem...

O nosso velhinho é o sr. Pedro do Lago, 88 anos, que vive com uma filha deicada, mas aleijadinha, com uma das mãos sem actividade, inútil.

*Falecimento* — Na Pensão Vilar, desta povoação, faleceu há dias, tendo recebido os Sacramentos da Igreja, o sr. Domingos da Mota Vieira, de 86 anos.

O finado era natural de Gião, Feira; mas hóspede permanente nesta afamada Pensão há 17 anos.

Frequentara as águas termais das Taipas, desde 1905, e tanto com elas beneficiara, que fixou residência e quis ser enterrado no cemitério da paróquia, em sinal de reconhecimento ás magníficas e extraordinárias qualidades terapêuticas das nossas termas.

O sr. Vieira fora em tempo negociante no Pará, Brasil.

Lembrou-se no testamento, dalguns pobres da terra que tornou adoptiva. Bem haja a sua alma.

O seu funeral foi bastante concorrido.



# PRO-HOMENAGEM A GIL VICENTE

**Registamos hoje o valioso depoimento do sr. Horácio de Castro Guimarães, escritor de delicada sensibilidade artística:**

Em resposta ao oportuno e interessante inquérito de V., a propósito do IV centenário da morte de Gil Vicente, eis o meu humilde parecer sobre tam «nacionalista glorificação»:

Gil Vicente, gigantesca figura literária, que, ao lado de Camões, enche todo o nosso século XVI, mereceria não só uma consagração nacional, como também uma consagração peninsular, tanto mais que grande parte da sua obra, como de todos é sabido, está escrita em língua castelhana.

Todavia, se tam longe não fôr possível levar a glorificação do génio vicentino, que pelo menos Guimarães, — à face da tradição terra natal de Gil Vicente — saiba, como sempre, cumprir o seu dever...

E a melhor homenagem que se poderia prestar à memória do Fundador do Teatro português seria, sem dúvida, a erecção dum monumento condigno, obra de arte séria, como séria é a obra de Mestre Gil, a dentro dos muros do velho burgo afonsino.

Aproveitando este ensejo, saúdo na pessoa de V., o aparecimento de *O Berço da Grei*, nova trincheira do Estado Novo nessa portuguesíssima terra de Guimarães, que o meu coração nunca esquece.

## CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

**Alcateia n.º 4 (D. Afonso Henriques)** — No próximo domingo realizar-se-á a Comunhão Mensal desta Alcateia, pelo que todos os lobitos se devem confessar no sábado.

A formatura será às 7 1/2 horas. No final haverá o costumeado passeio ao campo.

**Grupo n.º 6 (S. Dâmaso)** — A formatura no próximo domingo será às 7 3/4 horas para se assistir à Santa Missa.

Todos os escutas se devem apresentar devidamente uniformizados.

Por ter completado a idade regulamentar é transferido para o Grupo n.º 2 (Egas Moniz) o escuta Joaquim Gomes de Oliveira.

E' autorizado a usar a «2.ª» estrêla de antiguidade o escuta Miguel Machado.

**O escutismo na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira**

### Novo Grupo

Graças ao esforço dos novos dirigentes, é com grande entusiasmo que se trabalha na organização do novo Grupo, para o qual a freguesia tam brilhantemente tem concorrido.

Preparai-vos rapazes do C. N. E., que a nossa querida Associa-

## “O Berço da Grei,”

Dedicaram palavras amistosas ao aparecimento de *O Berço da Grei*, *O Barcelense*, valoroso decano da imprensa do seu concelho, *O Distrito de Portalegre*, companheiro na luta pela causa nacionalista e *O Correio de Coimbra*.

Agradecemos as referências e retribuimos os votos de prosperidade.

## RECTIFICAÇÃO

E' Manuel Magalhães, e não António Magalhães, o nome do vogal da direcção do Sindicato da Indústria dos Operários Têxtis, citado a propósito da entrevista publicada na página «Corporativismo».

ção, muito em breve, dará um passo em frente.

Que o vosso lema *Alerta* esteja convosco no dia da Chamada, para servir a Deus e à Pátria. Que este passo em frente seja firme, e com o propósito de *mais e melhor*, é o que de vós esperamos.

Bichinho.

# RECORTES & COMENTÁRIOS

(Atrasado na publicação)

## O «Cavaleiro da Esperança»

Naturalmente os leitores recordam-se das notícias que em fins de Novembro do ano passado publicaram os jornais sobre o movimento revolucionário comunista; do Brasil, iniciado na manhã de 27, na Praia Vermelha. — Não é simbólico e bem berrante este nome?

Pois o chefe desse movimento, Luiz Carlos Prestes, foi, no 7.º Congresso da III Internacional, realizado nos meados de 1935, chamado *Cavaleiro da Esperança*. Forte razão havia de ter o Congresso para dar tal honraria, também simbólica e bem berrante, ao chefe comunista do Brasil!

De facto, Van Maïne, delegado holandês a esse Congresso, estava perfeitamente senhor da acção do companheiro da América do Sul; e Dimitroff, camarada optimamente informado dos trabalhos levados a efeito pelo homenageado podia afirmar, então que «*Em S. Paulo, no Rio de Janeiro, em Niteroy, em Pernambuco, na Baía e nos Estados do Sul, constatamos com prazer que o trabalho tem sido hercúleo e avança a passos de gigante... para a «... futura, e, talvez, bem próxima colaboração brasileira na nossa obra civilizadora e de libertação do proletariado mundial.*» (Relatório ao Congresso).

Obra civilizadora! Libertação do operariado mundial!...

Para essa obra, para essa libertação, bem pena é que não tivesse vindo a público o Relatório da secção portuguesa, perdão, da secção ibérica... Ficariamos sabendo quem é o nosso *Cavaleiro da Esperança!*

## Na S. D. N.

O *Morning Post* tomou para tema de um artigo o corte de relações diplomáticas feito pelo Uruguai para com a Rússia Soviética, e tem carradas de razão quando diz ser de admirar «*que Litvinoff ponha e disponha em Genebra, desempenho na S. D. N. um papel de primeiro plano, até ao ponto de recentemente ainda ter obtido um representante da Rússia na Comissão da S. D. N. encarregado de estudar o problema do terrorismo político.*»

Admira de facto a inconsciência — no melhor dos casos! — com que a S. D. N. abriu os braços ao bolchevismo. Mas não pode a Inglaterra admirar-se muito no presente, porque, se com os seus representantes das grandes nações se tivessem oposto, os *soviétes*

nunca lá teriam entrado. Agora é agüentá-los até à primeira ocasião oportuna e propícia... o que será difícil porque eles são perfeitamente como o polvo!

## Informação autorizada

Grande exemplo estão dando à Europa as nações da América do Sul!

Emquanto no nosso continente as chancelarias recebem e tratam de igual para com igual os representantes do *Komintern* (com poucas, mas horosas excepções); enquanto Genebra acolhe em seu meio a víbora soviética, o governo do Uruguai expulsa o ministro russo, como principal promotor da propaganda contra o Estado.

Que toda a razão lhe assistia prova-o as seguintes declarações do mesmo ministro:

— «*O Komintern tem agora as mãos presas e os movimentos tolhidos em quasi toda a Europa, e por esta razão os seus objectivos estão a ser postos na América do Sul e no Extremo Oriente. Para a execução do seu programa a U. R. S. S. não trepida em qualquer meio; para realizar a revolução na América do Sul, forneceu somas enormes.*»

Perante esta informação autorizada, muitos factos ocorridos na Europa, e como mais directamente interessando-nos a nós portugueses, os de que a Espanha e Portugal foram teatro... ficam em plena luz.

Não só, porém, no passado. A «*U. R. S. S. não trepida em qualquer meio.*» e acrescentamos nem em qualquer nação, embora, diplomaticamente, diga que tem as mãos e os movimentos presos e tolhidos «*em quasi toda a Europa.*»

Em Espanha, por exemplo, já as suas mãos estão bastante soltas e dos seus movimentos vamos apontar um de há poucos dias.

## PEDIBOLA

Está despertando o mais vivo interesse o desafio de domingo entre o Leixões e o Vitória de Guimarães, em prosseguimento do campeonato da II Liga.

O Vitória tem a defrontar um grupo que, pelo jôgo duro, aguerrido e impetuoso que desenvolve, representa sério adversário. Confiemos, porém, na técnica dos locais, superior à dos visitantes, que impulsionada pelo amor clubista, há-de saber desvencillar-se com êxito da violenta acção dos homens do Leixões.

PATROCINADO PELA UNIÃO NACIONAL